

Brasília-DF

Vem "doideira"

É assim que os deputados se referem, nos bastidores, às consequências da operação da Polícia Federal (PF) que teve como alvo o deputado Antônio Doido (MDB-PA). O parlamentar é suspeito de desvio de emendas. O que se diz é que, se ele cair, não cairá sozinho.

Uma no cravo, outra na ferradura

O governo teve que engolir a aprovação do PL de Dosimetria das penas dos condenados do 8 de janeiro de 2023. Porém, estava tudo acertado para levar em troca o projeto de corte dos benefícios fiscais e aumento de impostos das bets e das fintechs e juros sobre capital próprio. Os deputados fecharam esse acordo, porque a arrecadação decorrente deste último é considerada crucial para aprovar o Orçamento do ano que vem.

O bordão mudou

Os deputados até aqui diziam que eram totalmente contrários ao aumento de impostos. Bastaram ameaças sobre corte em emendas, que a redução dos benefícios fiscais e aumento de imposto passou. Agora, só falta o Orçamento, que deve ficar para amanhã. Hoje, vai ficar difícil, porque o relator precisará de tempo para adequar o texto.

Xepa de apostas

Os senadores pretendiam votar, ainda ontem, na última sessão do Senado de 2025, o projeto que legaliza os cassinos no Brasil. A bancada evangélica se mobilizou contrariamente.



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.dj@abr.com.br

Efeito Flávio Bolsonaro

Quanto mais o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) apresentar fôlego nas pesquisas, mais os partidos de centro se aproximarão do governo Lula. Inclusive, a saída de Celso Sabino do Ministério do Turismo faz parte desse "pacote". O cálculo que se faz nos bastidores é de que "melhor um cenário conhecido do que as incertezas dos Bolsonaro", que obedecem a um líder que não tem uma conduta linear. Jair Bolsonaro é visto como um político de altos e baixos, imprevisível. Era assim na Presidência da República. E embora Flávio seja mais do diálogo,

estará sempre sujeito à imprevisibilidade do pai.

»»»

Tendências/ Por isso, a tendência dos partidos de centro é não formalizar coligação com filhos do pai. Ciente disso, já tem gente no PL defendendo que Flávio ofereça a vice a uma das legendas de centro. Alguns vislumbram a chapa Flávio-Ratinho Júnior (PSD) ou Flávio-Tereza Cristina, a líder do PP e ex-ministra da Agricultura do governo do ex-presidente.



CURTIDAS

Alcolumbre controla tudo/ Do alto da Mesa Diretora da Presidência do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) interrompeu o discurso do senador Marcelo Castro (MDB-PI) para avisar que os fotógrafos nas galerias do plenário estavam de olho nos celulares dos senadores, fotografando mensagens. "Isso é invasão de privacidade", avisou.

Há precedente/ Há alguns anos, um deputado foi flagrado assistindo a vídeos obscenos em plena sessão da Câmara.

Geraldo Magela/Agência Senado



Efeito Kandir/ O senador Fabiano Contarato (PT-ES, foto) votou a favor da dosimetria na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). "Sou totalmente contrário ao PL da Dosimetria e tudo o que ele representa. Hoje na CCJ, lutei para que o projeto fosse derrubado ou que a discussão fosse, pelo menos, adiada. No entanto, por engano, no momento da votação, registrei no aplicativo do Senado um voto diferente à minha convicção e já procurei a Presidência da CCJ para retificar o painel", justificou à coluna.

Homenagens/ O agrônomo João Henrique Hummel, que ajudou na profissionalização da Frente Parlamentar de Agricultura e outras, foi saudado em seu aniversário de 63 anos por vários parlamentares como o fundador da FPA. Aliás, passaram pela festa de homenagem a Hummel mais de 20 deputados do que na confraternização de fim de ano da FPA.

PODER

Troca pela governabilidade

Celso Sabino deixa o Ministério do Turismo depois da última reunião do 1º escalão. Rompido com o Palácio, União requereu o posto

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Sabino, por sua vez, tinha fechado um acordo com Lula para continuar no ministério até a realização da 30ª Conferência do Clima das Nações Unidas (COP30), em Belém, em novembro. "Vocês têm acompanhado os esforços do governo para melhorar a relação com o Congresso Nacional e a garantia da governabilidade faz parte da participação no governo pelos partidos", explicou.

O agora ex-ministro evitou comentar sobre a incoerência do seu antigo partido, que, enquanto ordenava seus filiados a deixarem o governo sob pena de expulsão, mantinha a força na indicação de ministros de Lula. Essa contradição também não foi comentada pelo presidente nacional do União Brasil, Antônio Rueda — cuja legenda compõe uma federação com o PP.

Sabino afirmou que atuará como cabo eleitoral de Lula e se dedicará à pré-candidatura ao Senado pelo Pará. "Imagino que o partido deva ter suas razões para ter tomado essas decisões e deve ter suas razões para se aproximar do governo. O que importa é o governo ter governabilidade. Atendendo esse chamado do presidente Lula, devo seguir nesse projeto, que é uma cadeira no Senado", disse.

A decisão é um aceno de Lula em duas direções: a primeira, para falar de garantir que o União Brasil não fique em peso contra as matérias do governo, dificultando as coisas para o Palácio do Planalto em pleno ano eleitoral; a segunda, faz um aceno ao presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), que tem profundas relações com os Feliciano.

Apesar do rompimento do União com o governo, pouco menos da metade da bancada de 59 deputados ainda votam com o Palácio na Câmara. Foi esse grupo que pediu a troca de Sabino para continuar aprovando os projetos de interesse da gestão Lula.

O União, um mês atrás, expulsou Sabino, depois de o ministro divergir da orientação da legenda de entregar o cargo que ocupava no governo no primeiro escalão do Executivo. Mas, por outro lado, a agremiação interessa manter o controle do Ministério do Turismo.

Até Gustavo Feliciano assumir, a pasta será comandada interinamente por Ana Carla Machado Lopes, secretária-executiva do ministério. Antes de ser cotado para fazer parte do governo, ele esteve à frente da Secretaria do Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, em 2018.

Ricardo Stuckert/PR



Lula comanda a última reunião ministerial do ano. Para 2026, ministros terão de propagandear o governo

» Gospel será patrimônio

Como forma de tentar turbinar a campanha de Jorge Messias à 11ª vaga no Supremo Tribunal Federal e diminuir a resistência do público evangélico, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, na reunião ministerial, que a música gospel será reconhecida como patrimônio brasileiro. Isso, inclusive, será formalizado na próxima semana. "Vamos transformar a música gospel em patrimônio brasileiro. E na semana que vem, você pode estar preparado, porque além de ser ministro brasileiro, você poderá cantar música gospel dentro do Palácio do Planalto", disse o presidente, dirigindo-se a Messias.

Ao fechar o ano, Lula cobra alinhamento

» FERNANDA STRICKLAND
» VICTOR CORREIA

Na última reunião ministerial do ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva cobrou alinhamento dos ministros para a corrida eleitoral de 2026. Conforme enfatizou, será "o ano da verdade", o que representa que as pastas terão de melhorar a comunicação na divulgação dos programas e investimentos do governo. O recado foi claro: os partidos e candidatos precisarão "definir de que lado estão".

Segundo Lula, o governo tem "uma força extraordinária" para as eleições do próximo ano, mas

será necessário maior engajamento. "Cada partido de que vocês participam vai ter que estar no processo eleitoral e vai ter que definir de que lado está. Será inexorável as pessoas terem que ir definindo o discurso que vão fazer. Eles vão ter que defender aquilo que acham que pode eleger-las", afirmou.

A cobrança é para que os integrantes do governo deixem claro para o eleitorado aquilo que avançou com Lula nesses últimos três anos. "Precisamos fazer com que o povo saiba o que aconteceu. Tenho a impressão de que o povo não sabe, que nós ainda não conseguimos a narrativa correta para fazer com que o

povo saiba ter uma avaliação das coisas que aconteceram", advertiu.

Lula defendeu o diálogo de seus ministros com o Congresso e comentou sobre a importância da negociação, inclusive, com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. "Tudo aquilo que, teoricamente, os analistas políticos achavam impossível acontecer em um governo que tinha menos de 120 deputados, em uma Câmara de 513, e 14 ou 15 senadores, aconteceu. Aconteceu pela persistência de cada um de vocês, pela capacidade de conversa, de argumentação", observou.

Para o presidente, um dos argumentos junto ao eleitorado é de que o Brasil vive "um momento quase ímpar" em setores da economia. Mas alertou que esses bons resultados não aparecem "com a força que deveriam aparecer" nas pesquisas de opinião.

"Não aparece porque existe uma polarização. É como se fosse Corinthians, Grêmio e Internacional, Atlético Mineiro e Cruzeiro, Flamengo e Vasco. Tem uma rivalidade que ninguém muda de posição a não ser em momentos extremos. E esse momento extremo são as eleições que se aproximam no ano que vem", afirmou.